DAVAR
POLISSÊMICA

A experiência do corpo e da alma na Baixa Idade Média, como processo de perdição e purificação

The Experience of the Body and the Soul in the Late Middle Ages: A Process of Perdition and Purification

Karla D. Martins[92]
Docente da Universidade Federal de Viçosa

Resumo: Os estudos relativos a doenças/cura com espiritualidade têm crescido tanto nos meios especializados da área médico-psiquiátrica/neurociêntífica, quanto nos já ambientados círculos religiosos e humanísticos. Embora em diferentes abordagens, métodos e até conclusões sobre os fatos religiosos, é inegável que as práticas ritualísticas e ditas espirituais têm sido avaliadas como importantes não só no entendimento, bem como do adoecimento e cura. Com o advento da era lógica e racional, houve um tempo em que se acreditava no arrefecimento das religiões e seu papel ativo na vida dos indivíduos, o que não se mostrou verdadeiro após o século XVIII, assim, os traços de culturas e tradições anteriores sobreviveram no Ocidente e emergem de tempos em tempos, desse modo, o intuito nesse artigo é mostrar o papel que as crenças medievais, entre os séculos XII e XV, tiveram na relação corpo-doença e cura e sua permanência ao longo das épocas.
Palavras-Chave: saúde, doença, possessão, crença e religião.

Abstract: Studies concerning the relationship between disease and healing, and spirituality have increased, both

Recebido em: 09 fev. 2026 Aprovado em: 11 jun. 2026

[92] Professora e Pesquisadora do Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa, Titular na Carreira do Magistério Superior, pós-doutora pela Universidade de Évora-Pt, autora de livros e artigos sobre Religião e religiosidade, com ênfase na História do Cristianismo, Esoterismo e Ocultismo. Também atua nas áreas de História da Arte e Patrimônio Sacro. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/5951025586573656 Contato: karlamartins@gmail.com

within the specialized psychiatric/neuroscientific medical fields and also withing the already well-established religious and humanistic circles. Although their approach, methods and even conclusions regarding the religious phenomena differ, it is undeniable that the ritualistic and the, so-called, spiritual practices have been evaluated as significant not only for understanding illness, but also for the processes of illness and healing. With the rise of the logical and rational era, there was a period in which religions were believed to be declining in importance and their active role in the life of individuals was diminishing. However, this assumption was proved to be unfounded after the 18th century. As a result, traces of earlier cultures and traditions survived in the West and still re-emerge from time to time. Therefore, this article aims to examine the role that medieval beliefs, between the 12th and 15th centuries, played in the relation between body, disease, and healing, as well as their persistence throughout the ages.
Keywords: health, illness, possession, belief, and religion.

Introdução

Os estudos mais recentes sobre a relação saúde e espiritualidade primam por pensar a ação dos hábitos religiosos como elementos simbólicos na melhoria significativa dos pacientes e já há análises que comprovam a eficácia da prece, dos rituais religiosos como elementos curativos.[93] No entanto, os mesmos estudos produzidos nas academias, aqui nos referimos as ciências humanas, relacionam a vida religiosa e as ideias como temas puramente simbólicos ou representativos. Porém, nem sempre foi assim no campo do conhecimento, no passado a doença e a cura estavam estritamente ligadas às concepções que as dimensões espirituais influíam diretamente na vida humana, sustentando o universo de crenças. A ciência médica e as áreas da saúde no Ocidente se tornaram por um lado céticas aos fenômenos e de outro primam pela ação de cura como elemento mercadológico, potencializando o

[93] Ao se fazer uma pesquisa na área médica – medline – há inúmeros artigos científicos na área que revelam pesquisas promissoras sobre a eficácia da prática religiosa no processo de cura, saúde mental, cardiovascular, cãncer entre outros, o que mostra a importância da crença no processo de esperança sobre a vida. Embora não seja esse o tema de nossa pesquisa, é muito interessante se pensar na afirmação desse argumento mesmo em níveis puramente psicológicos. Por outro lado, o pensamento negativo também pode afetar o andamento de cura e muitas vezes acelerar a falência orgânica. Ver artigo: https://www.scielo.br/j/rpc/a/HCc9kdndvxXFjdXZtfpdGyP/?format=html&lang=pt

sucesso da cura e, com isso, mais investimentos financeiros. Não se trata de crer na existência dos fenômenos sobrenaturais, mas em unir 'os elementos' para compreender a importância das crenças nos indivíduos.

Outros níveis de medicina alternativa têm despontado cada vez mais, a procura pelos caminhos de cura aumentaram após a pandemia, assim como a saúde mental tem sido pauta em muitos níveis. Elementos que permitiram o desenvolvimento real da crença do mundo espiritual na ação material e, em alguns casos, estudados em algumas universidades mais abertas a questão. Na era moderna, com o avanço da tecnologia, a crença na ciência como única resposta foi acalentada, mas os apelos ao mundo espiritual nunca deixaram de existir. Neste texto não intentamos 'provar' a existência de forças espirituais, mas mostrar que essa dimensão tem sido pensada desde sempre, o mundo antigo e medieval tem fornecido, mesmo com suas nebulosas crenças, elementos importantes a este entendimento. A Baixa Idade Média é nosso foco nesse texto e por meio dos historiadores e documentos eclesiásticos podemos compreender que a doença e a saúde são pêndulos da média entre o vício e a virtude, maus e bons hábitos também promovem doença e saúde. Não se trata de um texto religioso, mas de mencionar aspectos que já se fazem presentes na vida das pessoas queira ou não o universo científico. Intentamos mostrar a sabedoria antiga para lidar com tais elementos e como a História pode ser um caminho chave para explicações que muitos consideram superstição desde o advento do Iluminismo, da chamada crença na Razão e na Lógica.

1 Mente sã, corpo são

Ao longo dos séculos, as formas de lidar com doenças e doentes são variadas, as sociedades produziram conhecimentos, seja no âmbito espiritualista, seja na observação do real (no campo da experiência) as dores e calamidades que os seres humanos enfrentaram e, por isso, foi possível o aprofundamento cada vez maior da técnica, dos estudos que levaram à necessária emergência da medicina e seus benefícios inegáveis, além, é claro, de todo o aparato ligado a isso como industrias farmacológicas, tecnologias aplicadas à saúde do corpo e da mente, estudos dos mais variados. Houve ao longo da História, campos de conhecimento que tentaram lidar com as situações, seja no âmbito da literatura, do mito, seja nos tratados espiritualistas e médicos, mas nesse texto abordaremos, de modo mais geral, os casos de intervenções espirituais que foram palco de uma complicada rede de manifestações do sagrado e sua relação com o corpo dos indivíduos, considerado um receptáculo por excelência dessas manifestações.

Do ponto de vista religioso, os ataques considerados demoníacos são citados pelos evangelhos e tiveram amplo conhecimento dos estudiosos e religiosos que viam nesses casos a ação do mal, a partir de portas e fendas no mundo "real". Limpar o corpo e a mente da ação maléfica era o antídoto tratado, e as instituições (no caso específico da Igreja Católica) sempre garantiram a perpetuação dessa narrativa. Durante a Idade Média, os problemas relativos à saúde estavam estritamente ligados ao espírito, por isso a matéria seria um reflexo das ações anímicas misteriosas e que precisavam ser observadas e respeitadas. Os ambientes, os odores, até os humores eram, segundo a crença, mediados por forças invisíveis, potentes na condução dos problemas humanos. A vida encantada no mundo medieval explicava cada ato e cada suspiro, no entanto, embora isso fosse a camada de entendimento maior, tornava os problemas agravados devido ao desconhecimento dos segredos próprios da matéria e da existência dos vetores de doença e causas naturais que só tiveram desenvolvimento a partir do século XIX.

Os casos de possessões demoníacas e as epifanias santas podem ser experiências interessantes para pensarmos a relação entre espiritualidade e saúde. Ao longo das narrativas sobre a caracterização das chamadas infestações, momento antes da possessão ou das agonias emocionais, quando já há teoricamente o contato, o veículo estaria sendo cercado por antecipações prejudiciais ao seu estado mental, seja por questões familiares, seja por problemas com entorpecentes e psicoativos, seja com situações relacionais não resolvidas, ou mesmo por aspectos circunstanciais ligados aos vetores sociais, o fato é que o veículo de possessão teria um campo propício à infestação, ou em último caso, as realidades plasmadas em experiências.[94]

As manifestações no caso de possessão eram classificadas nos tratados religiosos como elemento de alta periculosidade, caso se tratasse de possessão, ou algo maravilhoso, caso fosse apresentado como revelação maior, dado que permitia a fenda a ação dos demônios no mundo ou de influência dos seres

[94] O ressurgimento dos exorcismos a partir dos anos de 1980, e a popularidade desses atos e divulgação agora investigados pela Igreja depois de longos anos de esquecimento, tem relação com a consolidação do Vaticano frente os avanços de novas crenças como afirmam alguns estudos, no entanto, vale lembrar que são as famílias que requerem a ação de exorcismo, os padres não vasculham casas atrás de possessos, isso significa que o maquiavelismo frente as tentativas de cura, apontado nesses estudos não é exatamente realidade. Por outro lado, o próprio Vaticano investiga e recomenda tratamento psiquiátrico antes de validar a infestação como espiritual. Não se trata, portanto, de um "projeto teológico-político" tão somente. Após longuíssima discussão sobre os casos de possessão mais recentes, a *Sociedade Brasileira de Psiquiatria* já classifica o fenômeno nominalmente como *CID F 44-3*. Cfr: De Almeida, 2007.

celestiais. No medievo essas realidades espirituais eram tratadas como elementos partícipes da vida, ao contrário de nossa época que as ridiculariza principalmente no âmbito científico, nominando como "histerias/*hystera (útero no grego)*" considerada doença mental no mundo moderno, especialmente ligado as mulheres. No entanto, a despeito da negação do ato de possessão como ação do mal, a vítima sofre e tem a vida devastada sendo marcada socialmente.[95] Por outro lado, quando o relato é de revelação divina ou outros supostos contatos, o comportamento do receptáculo altera e seu diagnóstico pelos veículos de saúde não é diferente, em menor grau no âmbito religioso, o receptáculo é marcado pela comunidade como estranho, sinistro, doente. Há descredito da experiência como real, dando nomes como alucinações, alterações mentais, em último, caso como situação de estudo.

Nossa análise recua a Baixa Idade Média para pensar como tais manifestações eram explicadas. A saúde ou a doença não estão somente além do corpo, é no corpo que se manifestam, assim, o corpo é o ponto importante do foco de possessão, o corpo é o veículo de manifestação. Nesse caso, a mortificação, o tolhimento das paixões, dos desejos, o desvio de foco dos prazeres, eram vistos como abordagens importantes ao aniquilamento da doença. O corpo sedutor, no caso das possessões, é um chamado à luxúria e aos ataques demoníacos, por outro lado, cultivar virtudes e praticar o bem, atrairia a espiritualidade maior. A igreja moralizava através do cuidado da mente e do corpo, este deveria ser coberto de todas as formas, vigiado e repreendido.

2 O corpo, templo de manifestações

A era medieval, diferente do mundo antigo, viu nascer o tolhimento relacionado às roupas e a moralização começava pelos costumes cotidianos. Por esconder as formas físicas e por limpar o máximo possível o pensamento, "o corpo cristão medieval é de parte a parte atravessado por essa tensão, esse vaivém, essa oscilação entre a repressão e a exaltação, a humilhação e a veneração." (Le Goff, 2006 p. 13.) A análise de Le Goff e Troung traduz de modo mais claro o seguinte: "Na Idade Média o corpo é, reiteremos, o lugar de um paradoxo. Por um lado, o cristianismo não cessa de reprimi-lo. 'O corpo é abominável roupa da alma', diz o Papa Gregório, o grande. Por outro, ele glorificado, sobretudo por meio do corpo padecente de Cristo, sacralizado na Igreja, corpo místico de Cristo. 'O corpo é o tabernáculo do Espírito Santo, diz

[95] As pessoas que historicamente relataram contato sagrado foram consideradas na maior parte das vezes diferentes, loucas, mentirosas, o que tornava a vida do indíviduo insuportável nas comunidades.

Paulo". (ibid. p. 35). A eucaristia é a cenográfica ideia de "beber o sangue de Cristo" e comer "o corpo de Cristo", uma alusão à Santa Ceia.

Para um estudo mais amplo citemos as análises de possessão demoníaca tratadas por Carlo Ginzburg em seu *História Noturna*. Os relatos de intervenções espirituais abundam na Idade Média, principalmente através do recolho de depoimentos advindos dos sínodos e tribunais, mesmo que saibamos dos problemas metodológicos[96] relativos à tais fontes, não se pode negar o medo gerado pelo sistema de perseguição e de experiências que abundavam o cenário europeu de canto a canto. Aqui nos referimos a Europa por se tratar de tradições relacionadas com a cultura que formou a civilização ocidental. Isso não significa que as experiencias tidas como epifânicas não tenham sido observadas em outros lugares com nomes distintos. Nesse período, séculos XII ao XV, viver era desafiador, a morte rondava e a vida era breve.

> Naquela época, as noites eram mais escuras do que hoje – e não só para aqueles que, como os vagabundos da Baixa Baviera, tentavam dormir, sentindo-se desgraçados e tremendo de frio, a cabeça cheia de pressentimentos sombrios, acorrentados em posições dolorosamente desconfortáveis às paredes da Torre do Falcão (*Falkenturn* - em Munique na Baviera). Nenhuma luz atingia as janelas de sua cela. Não havia luzes na rua, e o frágio brilho das velas de sebo, velas de medula de junco, ou os pavios das grosseiras lamparinas, que serviam aos insones em suas casas ou aos beberrões nas tavernas, mal se filtrava pelos vidros dos olhos de boi (Kunze, 1989, p. 17).

Grande parte desse cenário era montado por meio de relatos dos depoentes acusados de bruxaria e heresia, cuja mente também já estaria atormentada pelo suplício. Uma observação contida em *História Noturna* de Carlo Ginzburg, nos coloca a questão acima com nitidez: "É claro que a comparação não pode ser tomada ao pé da letra. Muitas vezes, os relatos, oportunamente guiados pela sugestão ou pela tortura, confessam uma verdade que os juízes não buscavam, dado que já eram dela detentores." (GINZBURG,

[96] Problemas metodológicos significam a falta de clareza sobre a produção dos testemunhos inquisitoriais, muitas vezes realizados de modo obscuro, sob torturas e pressões coercitivas, o que contamina o testemunho de verdades, dando lugar a depoimentos colhidos sob pressão e violência.

101). Relatos colhidos pelos Juízes do Espírito normalmente associavam experiências com entidades do folclore local classificados ao roteiro cristão, relacionando-os a forças maléficas. Advertências morais formaram o conjunto de regras na era medieval a partir de filosofias patrísticas, cuja importância para a mentalidade cristã se fez sentir até a Reforma Gregoriana no século XI e reatualizada pela Escolástica no século XIII. Os textos agostinianos sempre voltavam na senda monástica, firmando as regras morais, assim como pensamentos de santos e mártires, tal qual o de São Bento de Núrsia. A viagem dessas ideias foi disseminada por mosteiros europeus e alicerçou a Igreja Medieval e sua maneira de pensar o cristianismo.[97] (De Libera, A, 1993, p. 313)

Na altura do século V d. C. Santo Agostinho, na obra *A cidade de Deus*, no capítulo XVIII, menciona a castidade, algo que para ele era importante mecanismo do controle das emoções e do corpo. Alguém que veio de uma vida nada casta, tinha muito o que refletir sobre o assunto e aconselhar. Para tanto, afirmava: "Resistindo aos assaltos da volúpia, a santa continência santífica do corpo e, com a inquebrantável perseverança da intenção, a santidade do corpo conserva-se íntegra, pois à vontade perseverante de usar de maneira santa o corpo, o corpo, tanto quanto dele dependia, deixa o poder de fazê-lo." (Santo Agostinho, 2003, p. 47) Santo Agostinho foi uma das principais vozes que ressoaram na mente dos punidores, mesmo que alguns deles não tivessem plena consciência disso, uma dessas 'falas' pode ser conferida na *Cidade de Deus*, aliás, a cada argumento, uma peça determinada contra a prática das antigas religiões. No capítulo XI, Agostinho cita Porfírio de Tiro, século III, autor de *Eneadas* e uma biografia de Plotino (admirador das ideias platônicas), reproduz uma epístola ao Egípcio Anebonte e fala com detalhes impressões sobre magia:

> Pergunta ainda, com expressão de dúvida, se os adivinhos e os teugos são dotados de alma mais poderosa ou se tal poder lhes vem de algum espírito estranho. Julga que lhes vem de fora, porquanto os magos se servem de pedras e de ervas para abrir as portas, operar ligações e outros bruxedos

[97] O texto discute com mais propriedade as tradições filosóficas do que se chamou de segundo renascimento no século XII e as influências patrísticas que redundaram também na formação de centros culturais na França, na Itália e depois se espalhou pela Europa Ocidental, reorganizando o ensino, as bases de estudo e as traduções. "O século XII vê impor-se uma verdadeira cultura intelectual monástica. Também é a era por excelência das escolas catedrais...Nas escolas monásticas, a apropriação dos textos era feita segundo os recursos próprios dos grammatici romanos conduzidos e finalizados pelo ideal contemplativo de um pensamento que trabalha em silêncio."

> que têm espíritos de certa ordem, que prestam ouvidos aos votos dos homens; trata-se de natureza pérfidas, sutis, capazes de todas as metamorfoses, alternadamente deuses, demônios, almas de defuntos.
> Quanto às combinações formadas de ervas, pedras, animais, certas emissões de voz, certas figuras imaginárias ou resultantes da observação dos movimentos celestes, combinações que na terra, nas mãos do homem, se transformam em poderes produtores de diversos efeitos, tudo isso não passa de obra de tais demônios, mistificadores das almas sujeitas a seu poder, que fazem do erro dos homens suas malignas delícias (ibid, p. 383-384)

O universo de fadas, gnomos, sátiros, faunos foram amalgamados em uma única tradição considerada primitiva frente a razão cristã e que, mostrava, a importância do trato de controle e banimento através de várias intervenções externas como torturas, delações, penitências e, em último caso, a morte. Segundo Ginzburg, alguns relatos eram desprezados por seu tom "fantasioso", cita o caso na Escócia de 1662, o que era buscado pelas inquirições não eram fadas, mas era o próprio satanás. Assim, recomendava-se não ater o tempo a narrativas periféricas, mas a busca pelas "provas" da relação com o príncipe do inferno (Ginzburg: 1991, p. 102-103.)

A satanização dos entes locais foi paulatinamente espalhada através de tratados de demonologia ou textos eclesiásticos. Um destaque aqui para o Livro de Alan Boureau *Satan hérétique: naissance de la démonologie dans l'Occident médiéval (1280-1330)*, uma obra imperdível ao estudo da crença na possessão e armadilhas demoníacas no mundo medieval.[98] Na Idade Média, a doença era tipificada a partir de noções espirituais e ou maldições, assim como a cura pela intervenção divina, a relação do universo celestial aos testemunhos santos era visto como eleição e os veículos (meios da ação) eram os "tocados por Deus", ou seja, possessão se referia a tomada do corpo por seres do inferno, intervenção divina era visto como relação com o sagrado maior, eleição baseada na virtude ou no processo de santificação, cujo valor é o exemplo para os indivíduos seguirem. Ambas as manifestações causavam dores físicas e psicológicas, esparmos, sangramentos e, em último caso, até a morte (Ginzburg: 1991, p. 111)[99] Estamos aqui no universo taxonômico eclesiástico, mas sabe-se que doença do corpo também poderia ser curadas por meios de

[98] Disponível em: Satan hérétique: Histoire de la démonologie (1280-1330) - Alain Boureau - Google Livros

[99] Nessa página há citação sobre um dos textos de veiculação das ideias de possessão no *Canon Episcopo*.

orações, unguentos e outras técnicas, isso quando a doença não era grave ou remetia a práticas não convencionais.

O corpo como templo do mal é um debate antigo, o bem e o mal se sucedem na alternância das escolhas, como se o mundo tivesse em constante disputa e restasse ao indivíduo a seleção entre o pecado e o vício. Na Baixa Idade Média, as benécias do paraíso eram proclamadas, mas antes mesmo de se chegar às "portas do céu" era o mundo de atribulações a cortina a que se deveria passar e vencer. "O inferno e o diabo, a partir de então, nada têm só de simbólico, para os medievos trata-se de entidade real e que intervém na vida diária. A arte produz um discurso bastante preciso, muito figurativo, sobre este reino demoníaco, colocando detalhadamente, a título de exemplo, a noção de pecado, a fim de melhor induzir o cristão à confissão." (Muchembled, 2001, p. 35) Nesse aspecto, Muchembled nos alerta: "Enquanto Raoul Glaber ou os escultores góticos imaginavam o Maligno como um ser humano disforme, as pessoas da Idade Média tardia a empurra resolutamente para fora de sua esfera humana, em direção a um universo animal tornado mais inquietante a partir do século XII."[100] Assim, a hibridização dessas forças produzia uma forma bestial, associada por vezes a corujas, cães/lobos, porcos e cabras.[101]

Relatos de pestilência da comunicação com os mundos ocultos (aqui no sentido do reino de Satã e seus súditos) era cada vez mais mencionado pela Igreja e referendado nos textos eclesiásticos. A classificação, a corporificação desses reinos eram importantes ao combate neste mundo, a purificação dependia de um conhecimento da natureza material cada vez maior, assim, tratados sobre a natureza passam a compor os antigos grimórios e diários encontrados em todas as formas na Idade Média. O mundo real precisava a ser classificado e medido porque contém também os segredos do espírito. "...Tomás de Aquino (1225-1274) definia a bestialidade como o pior dos pecados sexuais..." Muchembled não avalia questões de realidades, mas adiverte para a afirmação que tais imagens suscitam ideias na mente medieval

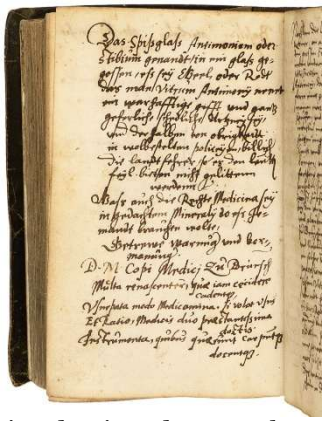
[100] Ibid. p. 39. Não podemos esquecer da magnânime obra de Jean Delumeau, *História do Medo no Ocidente*, 1300-1800, na qual encontramos preciosas análises sobre as crenças, folclores medievais e documentos relativos à ação eclesiásticas frente mitos e ritos. O livro que possui mais de 400 páginas de análise, é um quase tratado sobre o medo e as formas de pensar o além na Idade Média. Destacamos aqui os capítulos Satã, 7 e 10 Os agentes de Satã, a mulher.
[101]Não muito tempo um livro veio ao conhecimento científico, o chamado Códex Giga, do século XII que em uma de suas páginas estampava a figura de Satã, como ser com chifres, penagem, garras, tais formas são reproduzidas em outras mais tarde, nas pinturas, esculturas e figuração de livro. https://strongsenseofplace.com/2026/01/03/visiting-the-codex-gigas-devils-bible-at-national-library-of-sweden/

já atormentada pelas pregações de toda a ordem, ao menos na população citadina. O assédio aos indivíduos por meio da ação psicológica das pregações, e mesmo das artes tornou a cultura ao maravilhoso satânico cada vez mais forte, o que é demonstrado pela crença em um mal absoluto encarnado por Lúcifer e seus comandos, bem como por uma esperança ao alcance da vida sublime. "Os inquisidores e os homens da Igreja que se confrontaram com essas seitas produziriam uma reflexão cada vez mais preocupada a esse respeito. O final do Grande Cisma, em 1417, abriria, aliás, o caminho a uma necessidade de reorganização interna da Cristandade." (Muchembled, 2001, p. 53)

Ainda segundo Muchembled entre 1435 e 1487 havia 28 tratados dedicados à feitiçaria, o que alimentava uma biblioteca inteira na produção das ideias relativas à ação demoníaca. (ibid, p. 61) Não incorreremos aqui em demonstrar todo o manancial já analisado com detalhes por inúmeros autores que tratam do tema, mas a relação entre pecado, desvio e cura estava intimamente ligado as formas de expressão desse mundo invisível, mas concebido como real vivido e representado em todas as manifestações humanas. Muchembled dedica, por exemplo, um capítulo inteiro sobre o corpo feminino e como o templo do corpo era preferencialmente um receptáculo dos ataques. Religiosos e mesmo a medicina da época classificava humores, comportamentos a atrações a forças sombrias e propunha efeitos curativos não só com os elementos da natureza, mas também com procissões, ordálios e orações. Um ótimo exemplo citado por Muchembled é o Livro: *As maravilhas ocultas e segredos a respeito da natureza*,[102] editado em Paris em 1574, que foi impresso em várias versões. Curiosidades são mencionadas nessas publicações, como por exemplo: o cadáver sangraria perto do assassino (se fosse esse o caso); plantar alho ao lado de roseiras para potencializar seu perfume; segredos genitais com plantas específicas; uso de bebidas afrodisíacas entre outros elementos que combinados com ritos e atos mágicos eram utilizados para aproximar, afastar, ou mesmo manter algum relacionamento com as forças ocultas.[103] As orações eram parte integrante do cenário, reunindo o fervor na crença em que se dizer mantras e palavras sagradas seria possível a intervenção divina, por outro lado, algumas palavras também poderiam trazer malefícios.

[102] O livro citado pelo autor chamava-se originalmente provavelmente *Archidoxorum, seu de secretis naturae mysteriis, libri decem* esse seria provavelmente o título original, de Paracelsus (1493-1541) ou Phillippus Aureolus Theophrastus Bombast von Hohenheim, cuja natureza do trabalho misturava filosofias místico-ocultistas a pesquisas empíricas especialmente na área médica e alquímica.
[103] Ibid. Conferir detalhes da análise na página 100 do autor.

A magia precisa da palavra para que o ato epifânico ocorra. Dizer bem-aventuranças ou espraguejar teria de modo efetivo ação na matéria.



[Uma página do Livro de Paracelsus - https://www.liberantiquus.com/pages/books/5134/theophrastus-bombast-von-hohenheim-alchemy-chemistry-medicine-paracelsus-martin-koppe/archidoxorum-seu-de-secretis-naturae-mysteriis-libri-decem-quibus-nunc-accesserunt-libri-duo]

No entanto, as influências não tinham como foco só os habitantes comuns, os animais, mas também os homens da Igreja. Nada mais interessante ao "príncipe do inferno" e seus seguidores do que a vida de um monge, ou de uma figura santa. A sutil relação entre a tentação e o pecar sempre era a grande luta dos "escolhidos por Deus", vejamos aqui o caso de Francisco de Assis, 1181-1226. O *poverelo* de Assis, cidade italiana, em meio a uma trajetória de passos delicados a Deus, com sinais claros de manifestações agudas do sagrado, demonstrado por depoimentos de seu primeiro e mais próximo biógrafo Tomás de Celano, não deixa de ser ilustrativo na relação corpo/alma e cura. Em suas experiências das mais variadas a que nos chama a atenção foi a ação exorcista na cidade de Arezzo, região da Toscana. Em sua *fregit victor virtualis* (frágil vitória da virtude) ecoava nos prados e pequenos regalos da daquela terra, quando Tomaso de Celano afirmou dizer a verdade sobre o *poverelo, esclarece tal saga* nos caminhos da Úmbria.

3 Santos e pecadores

Eremitérios e peregrinações eram receitas médicas para o corpo, para a elevação do espírito, as imagens de Francisco, das mais lembradas, trata-se de momentos epifânicos, como as que mostram o recebimento dos estigmas, quando segundo Jacques Le Goff, "no dia 14 de setembro teve uma visão, um

homem, segundo o autor, com seis asas como um serafim, braços abertos e pés juntos, fixados sobre uma cruz. E como meditasse sobre essa visão, fundas feridas sangrentas formaram-se sobre suas mãos e sobre seus pés, e uma chaga aparece em seu lado. Francisco terminou sua caminhada à imitação de Cristo." (Le Goff, 2005, p. 89) A construção da santidade de Francisco é uma das mais exemplares do Cristianismo, mostrando todos os passos a que o "escolhido" muitas vezes precisaria trilhar, de uma vida turbulenta (cheia de dúvidas) ao encontro definitivo com o seu propósito, uma narrativa que se repete em muitos casos de processo santo, como uma jornada do herói, aqui representado com o escopo cristão. "Enquanto viveu, segundo Tomás de Celano, só Frei Elias os viu e Frei Rufino os tocou. Quando morreu, os que o cercavam precipitaram-se sobre seu corpo e o número dos que afirmaram ter visto os estigmas de Francisco não parou de crescer durante todo o século XIII". (ibid, p. 89)



[Os estígmas de Francisco, retábulo – Giotto di Bondone – 1266-1337 – Museu do Louvre - https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_de_Assis]

A vida era breve e transitória, Francisco de Assis era fruto de sua época, assim como Alberto Magno, Tomas de Aquino, Pedro Abelardo, Boccaccio, Petrarca e Dante Alighieri, cada um a seu modo. A ruína espiritual do período

de transição medieval era nítida, mas em alguns lugares via-se a proliferação de histórias que marcariam a virada crística e talvez algumas salvações. As camadas burguesas (mercadores e habitantes das Vilas) emergiam, assim como, grupos inteiros de prelados devotados, freiras ciosas de virtude, pobres e prostitutas, andarilhos e desocupados (*Nullus Vulgus*), oficialários e mestres de corporações, assim como um cenário gótico que se despontava, todos almejavam salvar-se de algum modo e viam em Francisco um grande exemplo da busca pela cura do corpo e da alma numa época de absurdos sagrados.

A transformação pessoal de Francisco, exemplo e pregação marcaria uma fase importante da Idade Média, representava a nova forma de pensar a vida cristã, não nos moldes hereges (que proliferava por toda a parte) mas saindo do âmago de famílias abastadas e furiosas na fé em Deus. A vida de Francisco, como afirmou Jacques Le Goff, era sim um marco da virada da Igreja Católica. Assis viu nascer um filho, que trouxe nova luz a operatividade cristã. Isso porque o crescimento das cidades medievais e a reabertura de portos e dinâmica comerciais levaram também a diversificação das populações, uma alteração que atingiu, paulatinamente, o cenário feudal e a paisagem citadina. O mundo se ampliava e com ele novas necessidades despontavam. O crescimento da pobreza pressionou as ordens religiosas e alguns visionários a uma nova maneira de pensar a cristandade, um apelo a pobreza aqui no sentido real, moral e estético, era praticado em muitos lugares e tonificou a nova forma de pensar o apostolado de Cristo, as ordens mendicantes eram exemplo claro (Vauchez: 1995, p. 125)

Por outro lado, as armadilhas de Satanás são contadas como elemento de aproximação à Deus, de modo que historietas e anedotas recheiam os enredos, fazendo os leitores pensarem nas artimanhas e tecitura das situações, como certo momento em que narra seu biógrafo, Tomaso de Celano, que Francisco havia sido inquirido por uma aparição de um monge, afirmando ser sua tomada de decisão a pobreza uma vaidade e que o tornava mais rico que os outros homens, de modo que confundia Francisco na sua decisão:

> Devia ser meio-dia. Fechamos as pálpebras na esperança de que o sono se apiedasse de nós. Então surgiu um monge entre as árvores, gordo e jovial, de sandálias vermelhas e envergando um chapéu enorme da mesma cor, todo barbeado e perfumado...Aproximando-se, saudou-nos com distinção, estendeu um lenço de seda numa pedra e sentou-se.
> - Meus irmãos,

> – Começou a julgar pelos hábitos rasgados e pés descalços, certamente pertencem a alguma nova ordem muito severa e vão a Roma para rezar.
>
> – Somos irmãos pobres- explicou Francisco -, pecadores, iletrados, a escória da humanidade, e vamos nos prostar aos pés do papa para lhe rogar um privilègio.
>
> – Qual (indagou o monge),
>
> – A pobreza absoluta. Não queremos possuir nada, nada, nada!
>
> O monge gordo riu:
>
> - Pressenti a presunção de vocês pelos buracos desses hábitos – afirmou
>
> – Nada e tudo são a mesma coisa. E quem pode nada, pode tudo. Sabem disso muito bem, grandes astutos, mas se fingem de pobres para abocanhar o máximo, sem a menor resistência e sem que ninguém perceba. Nem mesmo Deus.
>
> Francisco endireitou o corpo, apavorado.
>
> – O máximo¿ - perguntou, de lábios trêmulos.
>
> – Sim. E nada te falta, hipócrita. És a criatura mais rica da terra.
>
> – Eu¿
>
> - Tu! Porque confia em Deus. Mas eu te desafio a ficares pobre a ponto de perder até mesmo a esperança de contemplar Deus um dia. Esta seria a perfeita pobreza e suprema santidade! Achas-te capaz¿
>
> - Quem és tu¿ Vade retro, Satanás!
>
> – Bradou Francisco, traçando uma cruz no ar. No mesmo instante o monge se dissolveu ao sol, e ouvimos apenas a gargalhada diabólica que se afastava e se perdia entre os ciprestes. Espalhou-se um cheiro de enxofre de pez (Kazantizakis, p. 137).

A elevação da alma e a cura do corpo estavam ligados, nesse período, a negação das paixões da carne, dos vícios que contaminavam os pensamentos e a vida, e por toda a cristandade, mesmo contrariando a emergência de uma era do dinamismo comercial, reabertura dos portos e reavivamento das transações econômicas, eram eles os pontos de combate da vida ordinária e do discurso da Igreja, mesmo sendo variado. Os séculos XII e XIII trouxeram consigo muito a que se pensar em matéria de espiritualidade e vida social. Um recuo a maneira de Cristo, na linha mais primitiva, parecia ressoar aqui e ali, contrastando com a aparente riqueza acumulada pela Igreja e por príncipes ao longo de séculos.

Como nos lembra André Vauchez: “Desde as primeiras décadas do século XII, santo Etienne de Muret (morto em 1124) fundador da Ordem de Grandmont, não dissera e escrevera aos seus companheiros que “não há outra regra senão o Evangelho de Cristo” (Vauchez, 1995, p. 125).

Vauchez, assim como Le Goff, ressalta a importância de Francisco para essa nova fase da Igreja na Baixa Idade Média, um verdadeiro baluarte do retorno ao cristianismo primitivo, à maneira de Jesus e seus apóstolos. “Poucos homens de Deus associaram, como ele, em um grau excepcional, o objetivo apostólico e a experiência ascética, o evangelho integral e o espírito de obediência.” (ibid, 127) A forma com a qual Francisco repõe a relação entre o sagrado e as populações comuns, aproxima uma parte da Igreja a um propósito inicial, com a mimética de Jesus e as comunidades atingidas pelo Evangelho, mostrando o desapego e o amor pela natureza, reavivando laços esquecidos. “O Pobre de Assis atravessava assim o fosso que separava a vida profana da eclesiástica. Ele próprio falava, evidentemente a língua do povo, mas o conhecimento aprofundado que adquiriu da Bíblia depois de sua conversão permitiu-lhe recorrer, no caso dos textos escritos, ao latim que ele usava como língua viva, mesmo cometendo alguns barbarismos.” (ibid, p. 131)

Um dos elementos mais interessantes da relação entre corpo/alma e vida sublime era o culto proliferado das relíquias e sua portabilidade. Não bastava dizer as palavras, praticar o bem, mas portar amuletos e objetos sagrados, cultuar, sofrer em mortificações e peregrinações, pedir e ter sonhos e visões, passar por sacrifícios dos mais diversos, assim, retomando uma mistura de usos antigos das relíquias (já presentes em religiões pagãs) e o maneirismo cristão em se manter algo de natureza considerada sobrenatural como elemento de conexão.[104] Vauchez nos conduz a pensar a relação dessas práticas no universo medieval. “Os milagres desempenhavam um grande papel na vida espiritual desse tempo, e não apenas para os leigos. Com as visões, eles constituíam um dos meios de comunicação mais importantes entre este mundo e o além. O desejo por um contato movia os fiéis nas missas, nas peregrinações e mesmo em situações oníricas relatadas por indivíduos que teriam vivido estes fenômenos, assunto divulgados como exemplo e prova do sagrado. “[...] Sem dúvida, quando partiam em peregrinação, os fiéis do século XII, como os da época carolíngia, atingiam um lugar onde Deus agia através de relíquias e

[104] Com a crença nas relíquias, aumentou a ganância dos poderoso, ávidos pelos benefícios da portabilidade de um objeto de valor sagrado, ou seja, o mercado das relíquias também se desenvolveu, o que corrompeu também a veracidade do valor original delas, a situação ficou tão séria que a Igreja criou leis em combate à simonia, ou seja, a venda de favores espirituais.

sempre tentavam aproximar-se dos relicários dos santos para obter a cura desejada."[105] (ibid, p. 162-163) A explosão de histórias sobre santos e milagres foi particularmente incentivada na Baixa Idade Média, e só tendeu a crescer, movendo o terreno das escritas sobre a vida de personalidades cuja trajetória era exemplar no mundo cristão.

> Baseando-se em "exempla" tirados de suas histórias, os pregadores propagaram a ideia de que era na vida, e não nos milagres dos santos, que residia a sua verdadeira grandeza, ou mais exatamente, que os poderes extraordinários que eles detinham depois da morte constituíam a recompensa e a contrapartida da sua fiel imitação do Cristo humilde, pobre e sofredor[106] (ibid, p. 165)

Feitos milagrosos, manifestações de cura a partir de crenças e "poderes sobrenaturais" eram levados muito a sério no meio de estudiosos, hagiógrafos, teólogos e demais pensadores. Não se tratava de pura superstição, tal como na ótica dos Iluministas, mas de epifanias claras e detalhadas, conferiam exemplos testemunhais de indivíduos cuja vida fora dedicada à Deus, do mesmo modo que aqueles que pendiam ao sombrio, que aqui chamamos de conexão com forças além. Não podemos usar o veredicto da Igreja (no teor mais racionalista) para dizer que são do bem ou do mal, mas eram consideradas potentes na vida humana e parte integrante do universo de crenças.

As mortificações, a partir das quais monges, freiras e demais religiosos criam na purificação mental a partir do flagelo físico, eram práticas entre os religiosos. As duras realidades medievais já eram difíceis, mas alguns indivíduos colocavam-se à prova de qualquer sacrifício para sublimar-se. O próprio Francisco de Assis utilizou essa ferramenta para alcançar a relação com a divindade. A mortificação era variada e tinha objetivos tanto de experimento ascético, quanto de purificação mental frente pensamentos considerados libidinosos ou profanos. A maior batalha não estava só nos campos medievais,

---

[105] Não esqueçamos de mencionar o célebre livro de Marc Bloch, os *Reis Taumaturgos*, de 1924, um estudo robusto sobre a cura na Idade Média, por meio de toques dos reis, o que atraia uma população inteira à ação taumatúrgica, mas também a portabilidade de algum objeto tocado pelos monarcas. Esse fenômeno foi detalhadamente estudado por Bloch, mostrando a relação entre poder temporal e espiritual na Idade Média.

[106] Um dos maiores sucessos para a divulgação e entendimento dos *exempla* (histórias modelo de santidade) foi a publicação da *Legenda Áurea* do Dominicano Jacopo Varazze por volta de 1260. O livro fez muitos leitores e admiradores a partir da Baixa Idade Média.

mas no pensamento dos homens e mulheres que seguiam seus caminhos missionários. Um dos estudos sobre o caso que nos chama a atenção foi realizado por Jean Delumeau, em seu: *Confissão e Perdão*. Todos estavam à mercê de circunstâncias e as escolhas pessoais faziam diferença para a decisão do caminho santo, isso talvez explique o fato de quanto maior o isolamento, menor o acesso a circunstâncias duvidosas, no entanto, mesmo em mínimo grau, os relacionamentos humanos no medievo também existiam pela força da sobrevivência, em uma sociedade dura como a medieval, o isolamento não era opção para a maioria.

Em fins da Idade Média e nos séculos que se seguiram, as normativas da Igreja Católica avolumaram-se e as regras já estavam em toda a parte, por meio de livros, palavras e exemplos. No recinto das Igrejas nascem as cabines dos confessores (confessionários), um dos elementos basilares para a ferramenta das confissões foi dado pelo *IV Concílio de Latrão, em 1215* que obrigou a confissão anual para toda a comunidade cristã no Ocidente, além de restringir acessos na ausência dessa obrigação, como o sepultamento em terreno cristão entre outros.[107] (Richards, 1993, p. 21). Segundo Delumeau, a documentação eclesiástica nos fornece elemento primaz para o entendimento das ações e pensamentos no universo medieval. (Delumeau, 1991, p. 14). Guias e Instruções apareceram a partir daí, como manuais para ajudar os prelados a melhor conduzir o processo de confissão, e essa ferrameta foi útil para o conhecimento dos rumores e pensamentos eclesiásticos. Um deles é *Instrução aos Confessores* (1665) de Carlo Borromeu e o *Guia do Confessor para a direção espiritual dos homens do campo* e, mais tarde, Santo Afonso de Ligório também foi muito utilizado em paróquias pelo ocidente. Antes disso, as bulas e as encíclicas corriam as Igreja européia como receituário aos religiosos na prática da Confissão, sem mencionar na grande *Regula Bullata* de Bento de Núrsia, contendo detalhes do modo como a vida cenobítica deveria ser praticada. O recinto da Igreja armava-se contra o pecado, construíra seus confessionários, mas estendera-se às comunidades por meio do Tribunal do Santo Ofício e suas visitas, que já penetrava o espírito e causava rumores temerários em muitos lugares da Europa, já a partir do século XIV, sustentado pela oficialidade cristã, calcada já no *IV Concílio Lateranense* e afirmada pelas autoridades de toda parte. (Richards, 1993) Uma curiosidade apontada por J.

[107]As minorias da Idade Média. Trad. Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993. p. 21. No capítulo sobre Contexto Medieval o autor analisa com detalhes alguns mandamentos do IV Concílio de Latrão de 1215, um dos mais importantes da Igreja Medieval.

Richards (1993) é que embora o Papa Gregório, o grande, tenha invalidado as confissões obtidas sob tortura, tais práticas não deixaram de ser utilizadas (ibid, p. 24) tornando os instrumentos de acusação cada vez mais rigorosos e temidos pela população medieval, especialmente as mais pobres.

Delumeau cita o caso de Santo Antonio, arcebispo de Florença, no século XV, que em seu manual de confessores aconselhava que cada prelado agisse como um inquisidor no ato da confissão, o que torna o assunto bastante perigoso, dado que pelas palavras os fiéis poderiam setenciar-se. Inúmeros exemplos são tratados pelo autor de modo que não teremos como avançar em cada caso, no entanto, a institucionalização da confissão ampliou o conhecimento da Igreja sobre a mentalidade dos seus fiéis, cercando cada vez mais os desejos e pensamentos, mostrando o poder da vigilância. Ainda nessa vertente, Delumeau afirma a emergência de uma moral laxista orientadora das ações eclesiásticas. (Delumeau: 1991, p. 89) Ressalta o livro *De matrimonio* (1602); do Jesuíta Tomás Sanachez e a *Suma dos Pecados* (1630); *Theologia Moralis* (1640) de Ètienne Bauny entre outros. Contudo, o homem comum não lia tais manuais ou instruções, as vezes estava em alguma vila bem longe das homilias sacerdotais, no entanto, o medo do pecar e do diabo parecia soprar muito longe. Nesse contexto de mundo encantado, a cura sobrevinha da crença e da força da fé, o indivíduo da Idade Média estava imerso a universo do adornado pelas historietas sobrenaturais e era essa a regra por toda a parte.

Por todos os inscritos já mencionados relativos aos aspectos da fé e a relação dos indivíduos aos planos espirituais, a determinação da Igreja sobre o lugar do mal contaminou todo o conhecimento ocidental sobre as forças da natureza, tudo era satanizado e demonizado, mas o que estava em jogo talvez fosse o domínio sobre o conhecimento, e isso precisa ser cada vez mais claro, o clero precisava manter o saber sob seus pés. O *Malleus Maleficarum* (1487) foi um dos exemplos mais claros dessa determinação e controle. Segundo Richads, o texto teve quatorze edições nos quarenta anos após sua publicação. (Richards: 1993, p. 83) Era ele o fruto de dois inquisidores dominicanos, Heinrich Kramer e Jacob Sprenger na Alemanha.[108] Aqui, como em nenhum outro lugar, a relação entre o mal e o corpo estavam cada vez mais detalhados e, pior, deturpados. O Livro foi tão perigoso na Idade Média que houve países que o proibiram, há polêmicas sobre sua introdução no *Index Librorum*

[108] Os autores de *Malleus Maleficarum* teriam levado à Universidade de Colônia para apreciação e aprovação, no entanto, ao que parece fora repudiado, mas teria havido falsificação dos autores sobre tal aprovação em versões posteriores a 1487, o que demonstra que nem todos os prelados estavam de acordo com os termos do texto.

Proibitorum, mas o fato é que incomodou muitas autoridades sobre algumas determinações bastante rígidas apontadas pelos autores. Dos tratados de demonologia medievais, o *Malleus*, tornou-se um dos mais conhecidos e citados. Apesar de o tema ser controverso mesmo na Idade Média, a Igreja, na figura de alguns personagens, respaldou, em parte, ações violentas contra a prática de bruxaria e orientou de certa maneira a ação que levou muitos a serem acusados de tal prática e punidos.

Na análise de Richards, Kramer e Sprenger identificavam a bruxaria frontalmente ao impulso sexual[109], portanto, a demonização iniciava no corpo e na mente na opinião dos autores do livro, e, por isso, era o corpo (como a mente) os alvos de torturas, pressão e punição. Apesar de não ser só de mulheres os acusados da Inquisição, a maior parte ainda era o gênero feminino o alvo dessa perseguição. Além da visão dos párocos e teólogos sobre as práticas mágicas e crenças, houve também, segundo Richards, trabalhos de natureza antropológica que marcaram os estudos demonológicos, como por exemplo, o de Jeffrey Burton Russel, *Wichcraft in the Middle Ages* (1972), considerado um livro chave para o entendimento da Bruxaria Européia e seus desdobramentos. Assim como *Europe's Inner Demons* (1975) de Norman Coln, citado por Jeffrey Richards, ajudaram a formar uma ideia sobre as práticas na Baixa Idade Média.[110] Os cultos populares são descritos por este último como elementos que foram sendo amalgamados às práticas consideradas mágicas. "As histórias populares sobre demônios que incitavam, desencaminhavam, tentavam e atormentavam cristãos remontam à Antiguidade. Tais histórias foram recontadas no decorrer da Idade Média e faziam sistematicamente parte dos sermões dos pregadores populares."[111]

Diferente de Russel, Coln afirma que a era moderna foi palco maior de disseminação da crença na demonização das bruxas e bruxos e que na época medieval isso não parecia ser generalizado. No entanto, embora pareça repetitivo, é importante afirmar que há documentos eclesiásticos, como já

[109] Ibid. Loc Cit.
[110] Ibid. p. 85. Embora não sendo sobre a Baixa Idade Média, um dos livros marcantes foi o de Keith Thomas, *Religião e o Declínio da Magia, crenças populares nos séculos XVI e XVII*, um clássico do assunto.
[111] Ibid. p. 85. O folclore ligado à gleba é diverso na Idade Média, dependendo do local, mas na Alemanha e regiões eslavas, assim como na Grã-Bretanha, a bruxaria estava assentada às antigas práticas pagãs pré-cristãs, absorvidas ou esquecidas nos séculos de cristianização, sobrevivendo a conversões e evangelizações à força. Da cultura nórdica às noites de Walburga na Alemanha, felizmente a sobrevivência dessas práticas é indiscutível, sua demonização não retirou a capacidade de reinvenção e conservação dos valores camponeses.

apontamos, relacionando bruxaria a heresia. No geral, bruxos e outras denominações consideradas heréticas eram associados, além de acusados a relacionamento íntimo com Satanás, de modo que a infantilização desse pensamento e sua redução contaminou o conhecimento ocidental e tornou por vezes obsessivo em mentes medievais, ideias que se propagam até hoje. Longe dos julgo de alguns clérigos ou sob o sussurro das bibliotecas eclesiásticas e recintos secretos, o conhecimento da magia nunca deixou de existir, mesmo com todo o aparato punitivo.

No livro *O imaginário da Magia* de Francisco Bethencourt, (2004) [112] há inúmeros estudos desse aspecto, especialmente na segunda parte chamado de Crença, noções sutis dos ritos mágicos foram silenciosamente incorporados à ritos sacramentais, o autor minúcia elementos que são importantes tanto para a magia, quanto para a prática católica. Asperjos de óleo santo, a encruzilhada como portal mágico (a igreja possui uma longa linha "nave", cortada por um braço horizontal, esse ponto entre o povo e o altar é o espaço do encontro, as fontes termais e batismais, a prática de incenso interior, a manutenção do fogo como elemento de transmutação nos recintos, que não servia só a iluminação local, as orações em altares, a própria eucaristia, a adoção de limpeza e uso de tons claros, prateados e dourados para objetos e mesas, o candelabro e tochas, as indumentárias e todo o tipo de instrumentos, podem ser encontrados em cerimônias pré-cristãs em muitas agremiações religiosas. Portanto, o que se considera rito católico sofreu influência indubitável dos ritos mágicos antigos. Uma questão pouco tratada e que precisava ser mais investigada é o número de padres que mexeram com o tema da magia na Idade Média, ou outro tipo de conhecimento não convencional, tal tomada de consciência nos leva a crer que a prática mágica andava sorrateira nas próprias comunidades e nos recintos dos mosteiros.[113] Isso é apenas uma observação que pretendemos deixar na mente.

As epidemias e busca por curas eram comuns também no *rol* de crenças medievais, no entanto, gostaríamos de explorar tal questão em um autor um pouco tardio a eclosão da grande calamidade mortífera, a peste negra. Saltemos a **Decameron** de Giovani Boccaccio, obra célebre no qual extraímos cenários de sofrimento entre tristeza e solidão em detalhadas narrativas da peste

[112] BETHENCOURT, 2004. Descarto aqui a Parte II – Crença, p. 132-134.

[113] Um dos mestres escolásticos foi Alberto Magno (1193-1280) que podemos associar aos estudos além daquilo que a Igreja determinava como alquimia e numerologia, entre outros temas. Outro conhecido foi Giordano Bruno, (1548-1600), embora fosse da baixa idade média tardia ou princípio da era moderna, demonstrou interesse por segredos da física e da natureza. Foi queimado com suspeitas de heresia em 1600.

bubônica por todo a parte na Europa de 1348. Em meio aos diálogos apresentados por Boccaccio o cenário vil da peste ia sendo apresentado a tal ponto que o texto se torna também fonte importante a análise do período florentino quando a calamidade desceu sobre os habitantes. Trechos nos mostram que a fé do homem/mulher medieval foi testada como nunca. "Tive, entre outros, a seguinte experiência, coisa vista com meus próprios olhos, como a pouco disse um dia tendo farrapos de um pobre homem morto da doença sido jogado na via pública, dois "porcos" se aproximaram dele e, conforme é de costume, primeiro os fuçara e depois tomara entre os dentes para sacudi-los; em pouco tempo, como se tivessem tomado veneno, após algumas contorções caíram mortos sobre os trajos que má hora haviam puxado."[114] Muitos atribuíam a pestilência a presença do mal e do pecado, jugo incentivado pelos filhos da Igreja e sua tentativa de atribuir culpa a proliferação dos vícios do corpo e da alma. Outro momento é ainda mais aglutinador das ideias de sofrimento a que os habitantes das vilas estavam submetidos, 'mesmo usando todo o tipo de recursos, os aromáticos ervas e outros remédios, a doença tinha impregnado tudo ao redor. Ao lado dessa calamidade os sobreviventes cuidavam de si mesmos, não se importando com os vizinhos ou parentes. Nesse ambiente hostil e mórbido só restava a caridade, rara, e a esperança que se restringia a poucos. Entendemos o apelo e o gênero literário da obra, mas com riqueza de detalhes do período a que se refere, aqui escolhemos mencionar como fonte, mesmo tendo o cuidado necessário do aspecto criativo de Boccaccio.

Os doentes da peste se recusavam às vezes a receber sacramentos da Igreja e pouco frequentavam os serviços religiosos, o que irritava muitos crentes em Deus e fiéis fervorosos. Foi o caso relatado em *Decameron* quando um certo *Cepperello da Prato*, homem de má reputação, mas que para alguns era considerado como um "santo". Sua personagem ilustrativa da vida de alguns italianos, cuja aparência e hábito contrastava com um período tenebroso da História Medieval. Boccaccio não deixa de costurar as questões da época com maestria, a vida cotidiana como betume de sua obra, os fracassos e sucessos mesmo em tempo de epidemia. A Itália, como outros lugares, via nascer uma cidade medieval que, no apogeu das relações comerciais e dissolução moral de algumas aristocracias, incluindo as casas nobres, convivia com personagem ressurgidos dessa sociedade em mutação.

[114] BOCCACCIO, 536p. O trecho consultado p. 28.

Conclusão

Nas vastas experiências medievais, o santo, o penitente, o bruxo, nobres, cavaleiros e camponeses, uma sociedade inteira mergulhada em seus dilemas, suas explicações e obstáculos, viram nascer a Europa como conhecemos e com ela também os novos horizontes que iriam despontar nos auspícios da era moderna com a razão voltada a novas explicações. Mesmo assim, a razão não imperou por muito tempo, o século XIX vira nascer uma grande frente espiritualista exatamente no seio do Iluministas, a França, a Alemanha, Inglaterra foram palcos de inúmeros movimentos antinacionalistas e o retorno do místico conviveu com a fé no progresso científico. Mesmo com o advento da modernidade e a crença científica, o mundo espiritual sempre esteve ao lado ou nos bastidores das explicações em círculos diversos, mostrando que a opção das explicações sobre a saúde e a doença variam de acordo com a cultura, com os grupos. Nesse interim, basta pensar que a crença tem uma ação evidente no processo de cura ou de adoecimento dos indivíduos.

Referências

ALMEIDA, Angelica A. Silva de *et all*. O olhar dos psiquiatras brasileiros sobre os fenômenos de transe e possessão Brazilian psychiatrists' approaches on trance and possession phenomena. Revista de Psiquiatria Clínica. 34-41, 2007.

BETHENCOURT, Francisco. O imaginário da magia. Feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.LE GOFF, J &TROUNG, N. Uma história do corpo na Idade Média. São Paulo: Civilização Brasileira, 2006.

BETHENCOURT, Francisco. O imaginário da magia. Feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOCCACCIO, G.- Decameron. Tradução Ivone C. Bennedetti e Carlos Berriel. São Paulo: LP&M Editores, 536p.

DELUMEAU, Jean. Confissão e o Perdão. A Confissão Católica séculos XIIIa XVIII. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

KAZANTIZAKIS, Nikós. O pobre de Deus. Tradução de Milton Persson. São Paulo: Círculo do Livro.

KRAMER & SPRENGER (1487) - Malleus Maleficarum – O martelo das Bruxas. Malleus Maleficarum

KUNZE, Michael. A caminho da fogueira. Da vida e da morte no tempo da caça às bruxas. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

LE GOFF, J &TROUNG, N. Uma história do corpo na Idade Média. São Paulo: Civilização Brasileira, 2006.

LE GOFF, Jacques. História Noturna. Decifrando o Sabá. Trad. de Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LE GOFF, Jacques. São Francisco de Assis. Tradução de Marcos Castro, 7ª. Edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MUCHEMBLED, Robert. Uma História do Diabo. Séculos XII-XX. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

RICHARDS, Jeffrey. Sexo, desvio e danação. As minorias da Idade Média. Trad. Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993.

VAUCHEZ, Andre. A espiritualidade da Idade Média Ocidental. Séculos VIII a XIII. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.